

A BATALHA DE LAGOS DE 1759

A “Batalha de Lagos” enquadra-se na Guerra dos Sete Anos, um conjunto de conflitos internacionais decorridos entre 1756 e 1763, envolvendo, de um lado, a **França**, a **Áustria** e seus aliados (**Saxónia**, **Rússia**, **Suécia** e **Espanha**), e do outro a **Inglaterra**, **Portugal**, a **Prússia** e **Hannover**. Vários factores desencadearam a guerra: a preocupação das potências europeias com o crescente poderio de Frederico II, o Grande, Rei da Prússia; as disputas entre esta e a Áustria pela posse da Silésia, e a disputa entre a Grã-Bretanha e a França pelo controle comercial e marítimo das colónias além-mar, nomeadamente as da América do Norte. Foi o primeiro conflito de carácter mundial, e o seu resultado é muitas vezes apontado como inaugurador da era moderna.

Na noite de 7 de Agosto de 1759, em pleno período de bloqueio dos portos franceses pela marinha britânica, uma esquadra de **14 navios comandada por M. De La Clue** zarpa do porto de Toulon. Tenciona alcançar o Atlântico e reforçar a armada proveniente de Brest, comandada pelo vice-almirante De Conflans, com a finalidade de atacar a Grã-Bretanha, desembarcando na Escócia. A navegação é feita ao longo da costa norte-africana procurando evitar a detecção dos ingleses. Porém, na manhã de 17 de Agosto, ao largo de Ceuta, uma fragata inglesa avista a esquadra francesa e imediatamente leva o aviso à força estacionada em Gibraltar que, no mesmo dia, pelas 22h00, se faz ao mar. Na manhã de **18 de Agosto**, a esquadra inglesa, sob o comando de Edward Boscawen avista as primeiras velas, mas já não é a totalidade da armada francesa pois durante a noite **cinco dos seus navios** perderam o contacto com o grosso da esquadra e afastaram-se, **demandando Cadiz**. Os outros sete navios, que entretanto aguardavam a possibilidade de reagrupar a esquadra, julgaram, erradamente, que as velas que se aproximavam eram os retardatários da sua frota. Pelas 9h30 Boscawen ordena aos seus navios a perseguição e ataque às velas francesas. Poucas horas depois as esquadras iniciam um combate que se prolongará por todo o dia, com aproximações e afastamentos ditados pelas condições do vento. Pelas 16h30 o **Centaur** rende-se, bastante danificado, tendo perdido o comandante e cerca de 200 homens. Do confronto resultam estragos de monta no navio-almirante inglês que obrigam Boscawen a transferir-se do **Namur para o Newark**. A perseguição aos navios franceses continua durante a noite embora o **Souverin** e o **Guerrier** a tenham aproveitado para escapar, rumando a Oeste e dobrando o Cabo de S. Vicente.

Ao nascer do Sol do **dia 19**, com a esquadra reduzida a quatro navios, os franceses decidem colocar-se ao abrigo das fortalezas do barlavento algarvio, sob a neutralidade das águas portuguesas. Inutilmente. O **Modeste** é apresado em Sagres e o **Teméraire** na Figueira, enquanto que o navio-almirante **Océan**, e o **Redoutable**, varados respectivamente na Salema e no Zavial para salvar a tripulação, são violentamente bombardeados. De La Clue e muitos dos seus homens abandonam o navio e, pouco depois, uma embarcação do **América** recolhe o comandante De Carne e o resto da tripulação. O navio, considerado irrecuperável, é **incendiado pelos ingleses**, tendo assim o mesmo destino do **Redoutable**. Com este desaire, o sonho da França de uma invasão do território britânico, fica seriamente comprometido.

Este episódio da Guerra dos Sete Anos, ocorrido menos de 4 anos após o catastrófico terramoto que assolara o reino, ficou conhecido como “A Batalha de Lagos” e motivou um veemente protesto do governo de Sua Majestade D. José I, junto da Inglaterra, redigido pelo punho do Conde de Oeiras, futuro Marquês de Pombal. A importância do evento determinou que Lagos ficasse relacionada com esta batalha e assim registada nos livros de História.

Sobre esta batalha colocam-se algumas questões, sendo esta a mais misteriosa: porque é que, na noite de 17 de Agosto, desapareceram 8 navios sem razões fundamentadas para isso, o que leva de La Clue ao protesto: “Seja por cobardia, seja por ignorância imperdoável, ou por uma fatalidade incompreensível, os capitães do **Fantasque**, do **Lion**, do **Triton**, do **Fier** e do **Oriflame** cuja posição era no centro da esquadra, bem como os capitães das três fragatas (cujo objectivo seria nunca perderem de vista o navio chefe), separaram-se da esquadra a meio de uma noite de Verão, em que não se verificava uma escuridão total, levados por um vento de Este (nunca violento no estreito canal), e sem que qualquer incidente atmosférico justificasse tal separação.” (da Carta de M. De La Clue a M. le comte de Merle, embaixador em Lisboa, datada de Lagos, 18 de Agosto de 1759)?

Segundo Cunat, Charles Marie, em *L’Histoire du Bailli de Suffren*, p. 28 a 31, Rennes 1852. Esta carta, não refere ainda a “deserção” de Panat (**Le Souverin**) e Rochemore (**Le Guerrier**), ocorrida posteriormente. Segundo este biógrafo do M. de Suffren (Tenente a bordo do Océan durante esta batalha), o Ministro da Marinha M. Berryer pretendeu levar a Tribunal de Guerra todos os capitães de De La Clue. Não o terá feito para não criar atritos com a nobreza da Provença, à qual pertenciam esses capitães, bem como com a oficialidade geral da marinha de guerra francesa.

Quanto às razões que terão levado os Ingleses a não respeitar a “neutralidade” das águas portuguesas, facilmente se percebe que é objectivo maior da armada inglesa, evitar, a todo o custo, a invasão das Ilhas britânicas por parte dos franceses. Por outro lado, procuram a desforra dos recentes insucessos nas escaramuças ocorridas nos mares europeus e em particular a desforra da batalha de 1693* em que de Tourville infligiu pesada derrota a George Rooke, exactamente nos mesmos mares algarvios.

E sobre as razões que levam os portugueses a não prestarem apoio aos franceses, questiono essa neutralidade de Portugal. Até aquele veemente protesto do governo de Sua Majestade D. José I, junto da Inglaterra, redigido pelo punho do Conde de Oeiras, não terá passado de manobra para “francês ver” (!) – porque os termos do protesto são notoriamente mirabolantes(!). E aliás, como se verá logo de seguida, Portugal integrará a coalizão Inglaterra/Prússia/Hanôver, contra a França e seus aliados (Áustria, Saxónia, Rússia, Suécia e Espanha) nesse conflito que só terminará em 1763.

Excerto e adaptação de: “A Batalha de Lagos”, in CASTELO, Francisco - *Histórias de Cá* – pags. 79-83 - Lagos 2011 - Dep. Legal 335693/11

* A Batalha de Lagos de 1693

Esta batalha decorreu a 27 de Junho de 1693, entre as forças da armada francesa, comandada por Anne Hilarion de Tourville, e a frota de navios mercantes (comboio de Esmirna) escoltados por uma esquadra anglo-holandesa comandada por George Rooke. O comboio, composto por mais de 200 navios, era escoltado por um esquadrão de oito navios de linha ingleses e cinco holandeses, contando ainda com outros navios auxiliares.

Luis XIV havia ordenado à frota francesa sob o comando de Tourville - um dos seus mais competentes comandantes - que montasse uma emboscada ao comboio de Esmirna, e no final de Maio Tourville reuniu uma frota de 70 navios de linha, além outros auxiliares, contanto cerca de 100 unidades no total. Esta armada alcançou os anglo-holandeses perto da Baía de Lagos, onde afundaram vários navios e apresaram muitos outros, numa vitória naval que teria a sua desforra nos mesmos mares em Agosto de 1759, numa outra “Batalha de Lagos” em que o Almirante Boscawen sairia vitorioso contra o Almirante de La Clue. Perdas registadas pelo Comboio de Esmirna: 90 navios mercantes dos quais 40 foram capturados; e dois navios de guerra, de 64 canhões, holandeses.

Esta batalha inscreveu-se na Guerra dos Nove Anos, também denominada Guerra da Liga de Augsburg ou Guerra da Grande Aliança, travada na Europa e nas colónias americanas, entre 1688 e 1697, conflito que opôs a França à Liga de Augsburg. A guerra teve por objectivo travar a expansão francesa no Reno, mas também evitar o apoio francês a uma possível recuperação do trono inglês pelo deposto Jaime II .